

A importância do uso dos contos de fadas em atendimento psicopedagógico de crianças visando a superação de dificuldades de aprendizagem

Aluna: Tania Cristina Fonseca¹

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vera Lucia Ponciano²

Resumo: O presente trabalho trata da importância da utilização dos contos de fadas no atendimento psicopedagógico com crianças, a partir da intencionalidade do profissional enquanto potencial mediador das aprendizagens, visando a partir das narrativas potencializar aspectos atrelados à imaginação, criatividade, autoestima e superação de dificuldades que demandam a intervenção psicopedagógica. O referido texto, parte da premissa de que a adequada e consciente utilização dos contos de fadas pelo psicopedagogo pode apoiar significativamente o pleno desenvolvimento intelectual e imaginativo dos sujeitos em processo de aprendizagem.

Palavras-chave: psicopedagogia, conto de fadas, imaginação, aprendizagem.

The importance of the use of fairy tales in psychopedagogical attendance of children in order to overcome learning difficulties

Abstract

The present work is about the importance of using fairy tales in psychopedagogical attendance with children, based on the intentionality of the professional as a potential mediator of learning, aiming at the narratives to enhance aspects related to imagination, creativity, self esteem and overcoming difficulties that require psychopedagogical intervention. The text starts from the premise that the adequate and conscious use of fairy tales by the psychopedagogue can support significantly the full intellectual and imaginative development of those which are in the learning process.

Keywords: psychopedagogy, fairy tale, imagination, learning.

INTRODUÇÃO

A Psicopedagogia tem por objetivo compreender de que forma se dá a aprendizagem humana. Trata-se de um campo de estudo munido de contribuições de outras áreas do conhecimento científico, como a Psicanálise, a Pedagogia, a Psicologia, dentre outras. É importante considerar que, para que a aprendizagem

¹ Aluna do curso de pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade Santo Amaro. É graduada em Pedagogia pela mesma Universidade.

² Doutora em Educação: Psicologia em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é coordenadora do curso de Psicopedagogia clínica e institucional da pós-graduação da Universidade Santo Amaro.

se efetive, diferentes variáveis do indivíduo devem estar envolvidas num complexo processo de ordem cognitiva, emocional, social, biológica e genética³. Assim, quando aprendemos algo, necessitamos mobilizar duas de nossas dimensões: a objetiva e a subjetiva.

A objetividade refere-se a algo que está posto na realidade independentemente das convicções de cada indivíduo. Por exemplo, uma cadeira não poderia ser chamada de cama, pois apresenta características e funções diferentes. Já o eixo subjetivo trata das emoções, da afetividade, da singularidade do sujeito, envolvendo questões –atreladas ao desejo, que estão sobremaneira ligadas à nossa pulsão, ou seja, àquilo que nos move.

Assim, para compreender este complexo processo, é importante considerar o indivíduo em sua integralidade, levando em conta também a sua subjetividade, isto é, que trata-se de um ser constituído por emoções, sentimentos e inserido nos mais diversos contextos sociais, históricos, culturais e político, num amplo percurso em que desde o seu nascimento fora imprimindo marcas em sua personalidade. Desse modo, ao longo das diferentes etapas de seu desenvolvimento e das diversas situações vivenciadas no decorrer dos anos, forma-se a sua subjetividade, ou seja, o que o torna único, tal qual um sujeito possuidor de suas singularidades.

A objetividade instaura a realidade, isto é, aquilo que nós consideramos real, que está fora de nós, cujas leis não podemos modificar. Podemos repensar, mas não podemos anular essas leis. Por outro lado, o subjetivo se instaura na irregularidade, se constitui na esfera do desejo e é o que nos diferencia como pessoa singular (PAIN, 1996, p. 21).

Quando falamos de aprendizagem, não devemos pensar a mente como algo dissociado do corpo. A partir das contribuições da Psicanálise, sabemos que o processo de aprendizagem tende a ser mais efetivo e significativo, quando o profissional mediador, busca as interfaces entre a inteligência e o desejo inconsciente do aprendente. Ou seja, é preciso compreender que lugar as questões ligadas à esta ordem ocupam dentro do sujeito e se elas agem positiva ou negativamente.

³ De acordo com filósofo Edgar Morin (2011), o ser humano é ambivalente e complexo, sendo ao mesmo tempo racional, afetivo, biológico, social, psíquico.

1. OS CONTOS COMO FOMENTO A AUTOESTIMA

Muitas vezes, questões que envolvem baixa autoestima⁴, medo, perda ou uma imagem distorcida de si próprio, dentre outras, produzem sintomas que interferem de forma negativa e emocional na aprendizagem do indivíduo.

Sempre é preciso definir o sintoma. O problema pode estar na função temporal, na função rítmica etc. Esse sintoma será encontrado também em outros tipos de dificuldade. Quando temos um problema de aprendizagem, ele pode ter uma significação. Quando a criança não aprende, isto sempre tem um significado. Aprender significa algo em sua vida (PAIN, 1996, p.99).

Os sintomas apresentados pelo indivíduo atuam de forma a afetar a sua aprendizagem e podem, na maioria das vezes, serem removidos ou minimizados por meio de um adequado e efetivo atendimento psicopedagógico, mediado por um profissional dotado de sensibilidade, conhecimento, competência, empatia e principalmente intencionalidade. Trata-se de um complexo processo de aprendizagem que busca o desenvolvimento pleno do sujeito em suas mais diversas potencialidades a serem fomentadas a partir das interações intencionais daquele que se ocupa da Psicopedagogia. Daí decorre a necessidade de o profissional compreender os significados dos sintomas apresentados pelo indivíduo.

A escolha do trabalho realizado em atendimento psicopedagógico, com crianças em fase inicial de escolarização, tendo como ferramenta as narrativas dos contos de fadas, pode contribuir para o acesso a conteúdos simbólicos, relacionados ao campo da subjetividade, dando margem a diferentes sentidos e interpretações, às questões que estão implícitas dentro do sujeito aprendente que apresenta dificuldades de aprendizagem.

Muitas vezes, ao ter contato com histórias apresentadas nos contos, pode haver uma projeção da criança sobre alguma parte da narrativa ou personagem, ocasionando uma identificação e a possível superação das dificuldades apresentadas, uma vez que uma significativa parte destas, decorre de problemas na ordem cognitiva/simbólica.

⁴ Briggs (2002) considerando a autoestima como o mais importante ingrediente da saúde mental da criança, aponta a importância da qualidade que envolve as relações entre a criança e àqueles que em sua vida apresentam um significativo papel. A autora salienta que a chave para uma aprendizagem bem sucedida está em apoiar o desenvolvimento da autoestima na criança.

Organizar as várias facetas de sua experiência exterior é uma tarefa árdua para a criança e, a menos que consiga ajuda, isso se torna impossível tão logo as experiências exteriores se misturam com suas experiências interiores. Por sua própria conta, a criança ainda não é capaz de ordenar e dar sentido a seus processos interiores. Os contos de fadas oferecem personagens nas quais ela pode exteriorizar sob formas controláveis aquilo que se passa em sua mente. Os contos de fadas mostram à criança de que modo ela pode corporificar seus desejos destrutivos numa personagem, obter de outras satisfações almeçadas, identificar-se com uma terceira, ter ligações ideais com uma quarta, e daí por diante, segundo requeiram as suas necessidades no momento (BETTELHEIM, 2015, p.95).

O ato de contar e ouvir histórias pode ser algo extremamente prazeroso, sendo, inclusive, uma antiga prática que data desde o desenvolvimento da oralidade pela espécie humana nos primórdios da civilização. Tende a despertar a atenção e o interesse dos ouvintes independentemente da idade, contribuindo no processo de sociabilidade, convívio, imaginação, criação e, sobretudo, aproximando pessoas à medida que envolve sentimentos, pensamentos e emoções. É por meio dos contos e histórias que os indivíduos vivenciam situações dotadas de aventuras, medos, esperança e sentimentos outros munidos de uma riqueza simbólica imensurável.

Vale ressaltar, que num passado longínquo, as histórias tinham como premissa responder aos questionamentos do homem acerca da origem do mundo, da sua existência e dos fenômenos da natureza, à tudo aquilo que não se podia compreender e que, mais tarde, a ciência conseguiu explicar⁵.

2. OS CONTOS NO ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO

Como o presente trabalho propõe um olhar sobre a importância do conto de fadas para o atendimento psicopedagógico, é sobre este gênero que debruçaremos as considerações a seguir.

De acordo com Corso & Corso (2006), o conto de fadas surgiu há séculos, mais precisamente na Europa, derivando da tradição oral de se contar histórias, tendo, a princípio, diferentes objetivos, tais como ouvi-los ao redor de uma fogueira como forma de enfrentar o frio durante as noites longas de inverno; ou

⁵ A obra de Francis Wolff (2012), "Nossa Humanidade: de Aristóteles às neurociências", publicado pela Editora Unesp, contribui de forma substancial para o entendimento das diversas concepções de homem e de humanidade desde os primeiros filósofos até o atual período de avanços no campo das neurociências. Ou seja, as questões principais que contribuíram para os avanços no conhecimento humano.

simplesmente entreter as pessoas ou ainda perpetuar, através da narrativa, um pouco da cultura e dos valores da sociedade da época. Ainda conforme os autores, os contos eram transmitidos oralmente de geração para geração, sendo escritos inicialmente sem ter um público específico, mas caracterizando-se por ter histórias contadas tanto para adultos quanto para-crianças, pois estas não dispunham de um tratamento diferenciado e tinham como temática histórias dotadas de muita crueldade e destituídas de finais felizes. Para os autores, foi, somente a partir de uma nova concepção de infância, que considerava a criança como um ser em desenvolvimento que estas histórias foram adaptadas à elas, com os aspectos mais hostis sendo removidos e os personagens passando por uma readequação, se tornando parecidas com as quais conhecemos atualmente.

Autores como Charles Perrault, Jacob e Wilhelm Grimm e Hans Christian Andersen são conhecidos como alguns dos responsáveis pela readequação das histórias ao público infantil. As histórias por eles compiladas foram adaptadas a este novo público e tornaram-se mundialmente conhecidas por adultos e crianças. A modificação destas narrativas trouxe elementos importantes que passaram a caracterizar os contos de fadas ou contos maravilhosos e que tanto tem atraído o imaginário e atenção das crianças.

Bettelheim (2015) aponta que as histórias iniciam quase sempre em um ambiente familiar (o que gera uma identificação, uma vez que pode ocorrer com qualquer um de nós) e trazem aspectos relacionados a um mundo real e a um mundo mágico, simultaneamente. Ao lê-las, é comum nos depararmos com histórias com pouca probabilidade de se efetivarem em nosso cotidiano, porém, trazem implícitos valores que podem contribuir significativamente para a construção interna de quem as ouve. Tratam-se de narrativas com a presença de um elemento mágico, munidas de situações que demandam resolução de um dado problema; o embate entre o bem e o mal, e geralmente uma punição severa para o(a) vilão(a).

Os referidos contos ainda se caracterizam por conter personagens sem nomes próprios, que podem se referir a qualquer pessoa, sendo somente denominados como a bruxa, a madrasta, a princesa, o rei etc, e a certeza de que após as mais variadas provações, situações adversas e conflituosas vividas pela personagem principal - que, geralmente, sai de um ambiente familiar e deve enfrentar o mundo, onde vivenciará situações que envolvam angústia, fome,

solidão, medo, frio, ou seja, de muito sofrimento - chegará ao fim de sua jornada tendo um final feliz.

O trabalho com contos tende a possibilitar uma identificação por parte da criança, uma vez que ao ouvi-lo, esta pode relacioná-lo com sua vida cotidiana e com situações internas que estejam lhe afligindo e lhe atormentando. Daí a relevância das narrativas nas atividades psicopedagógicas, que possam efetivamente apoiar o desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças suscetíveis aos conflitos vivenciados e com os quais, muitas vezes, ainda não sabe como lidar sem a mediação humana.

Para Corso & Corso (2006), os contos de fadas tratam do mundo simbólico e trazem quase sempre questões ligadas ao desenvolvimento e amadurecimento emocional do ser humano. Por trás de histórias conhecidas e reproduzidas por crianças em diferentes partes do mundo, tais como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Dumbo, Branca de Neve e os Sete anões, João e o pé de feijão e o Patinho Feio, por exemplo, há temáticas que atuam inconscientemente na criança tratando de questões como o medo da morte, de ser rejeitado pela mãe, da separação dos pais, da introdução de novos membros na família, medo de crescer, de ser descoberto como não pertencente a família ou de ser julgado pela aparência, dentre muitos outros.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas dificuldades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 2015, p. 11).

Desse modo, algumas indagações devem ser feitas, dentre elas, o porquê de haver um significativo encantamento da criança contemporânea, por histórias surgidas há séculos. Por que, mesmo quando adultos, ainda nos lembramos de histórias contadas em nossa tenra idade e que nos deixaram marcas? Por que num mundo permeado por tamanha influência tecnológica, informacional, comunicacional, virtual e digital⁶, as narrativas que se iniciam com o “*Era uma*

⁶ Consideramos o mundo contemporâneo como de uma sociedade em rede, tal como apontara o sociólogo Manuel Castells (1999), do ciberespaço, como indicara o filósofo Pierre Lévy (2010) e de meio técnico-científico-informacional como tratara o geógrafo Milton Santos (2012).

vez...” ainda se apresentam de modo mágico, sedutor, despertando a curiosidade e a atenção do público infantil? Assim, por tratarem do mundo simbólico e de questões essencialmente humanas e atemporais, ou seja, vivenciadas por crianças de diferentes gerações, envolvendo, na maioria das vezes, o medo e a fragilidade de determinados personagens com os quais a criança se identifica, acabam tendo um desfecho caracterizado pela esperança e felicidade dos que até então eram oprimidos.

3. OS CONTOS APOIANDO A IMAGINAÇÃO E A CRIATIVIDADE NAS SITUAÇÕES COTIDIANAS

Os contos podem propiciar à criança o conforto e a segurança emocional de que precisam em determinados momentos de sua existência. Nestes casos, a criança relaciona alguma parte da narrativa à sua vida e à dificuldade que está enfrentando. Desse modo, ao acompanhar a trajetória de sofrimento, dificuldade, luta e superação vivenciada pela personagem da narrativa com a qual se identifica, pode ter seu íntimo modificado, sentindo-se também capaz, forte e segura frente aos desafios colocados em sua realidade cotidiana. Conforme Davis & Oliveira (2010, p. 105):

As emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelece relações com objetos físicos, concepções ou outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade.

A confiança tende a influenciar significativamente no aumento da autoestima da criança e de seu amadurecimento emocional, já que o indivíduo se constrói interiormente em uma relação dialética com o mundo, podendo influenciar sobremaneira na superação de suas dificuldades de aprendizagem, já que, por muitas vezes, permite uma reflexão, que culmina com a conclusão de que a solução para um dado problema pode estar dentro de si próprio, dando-lhe, assim, confiança e esperança.

O conto de fadas claramente não se refere ao mundo exterior, embora possa começar de forma bastante realista e ter traços do cotidiano inscritos nele. A natureza irreal desses contos (à qual objetam os racionalistas de mente estreita) é um artifício importante, porque torna evidente que o que interessa aos contos de fadas não é a informação útil sobre o mundo exterior, mas os processos interiores que tem lugar num indivíduo (BETTELHEIM, 2015, p. 36).

Além de auxiliar nas questões implícitas trazidas pelo sujeito, o uso dos contos em uma intervenção psicopedagógica pode apoiar também no desenvolvimento da criatividade⁷ e imaginação⁸, da capacidade que envolve a leitura e a escrita, da habilidade argumentativa, da melhoria e aquisição de vocabulário, do conhecimento de um repertório mais sofisticado de palavras, no desenvolvimento do pensamento etc. É importante considerar também que o conto pode provocar diferentes reações em diferentes pessoas, já que o indivíduo é singular e é constituído por diferentes experiências que foram moldando-o ao longo de sua existência. Assim, cada conto tende a impactar em seus ouvintes de diferentes formas podendo uma mesma história ter variados significados, em diferentes tempos e espaços, indo ao encontro dos anseios daquele que a escuta naquele momento.

A utilização dos contos de fadas pode ser feita nas sessões que envolvem o processo de diagnóstico como também nas de intervenção psicopedagógica. O profissional da Psicopedagogia deve ter clareza dos objetivos que se quer alcançar, fazendo assim uma seleção criteriosa de contos apropriados e pertinentes à idade do paciente, seus interesses e que correspondam ao fundamento proposto.

O uso deste gênero literário permite diferentes formas de trabalho psicopedagógico, em que o profissional pode ler para o paciente ou pedir que o mesmo realize a leitura, podendo trabalhar com encenação, utilização de fantoches, dedoches, feita pelo próprio sujeito mediado. É possível ainda solicitar que a criança realize um desenho que remeta à história contada, de modo que ela possa fazer uma síntese da história, possibilitando ao mediador observar se houve uma lógica na reprodução do conto, com começo, meio e fim.

⁷ Para Vigotski (1998), a atividade criadora é o que permite ao homem projetar-se para o futuro, assim como modificando e criando o seu presente.

⁸ Comungamos das ideias de Rocha (1982, p. 9, 10), ao considerar a imaginação como “a arma mais eficaz de transformação do mundo e portanto de ameaça a uma ordem social conhecida”. A autora trata da intenção de determinados setores poderosos da sociedade em não privilegiar a criatividade e a imaginação, tão somente para que as pessoas não aprendam a pensar.

Outra alternativa refere-se à realização de uma oficina para a confecção de um boneco que remeta a algum personagem da narrativa, utilizando diferentes materiais, tais como argila, massa de modelar, tecidos, podendo ser solicitado a criança que fale sobre a parte que mais tenha gostado da história, o porquê, dentre outras possibilidades.

Para Grassi (2008), as oficinas mostram-se fundamentais na realização do atendimento psicopedagógico, uma vez que por serem carregadas de ludicidade possibilitam o acesso aos conteúdos de uma forma mais fluida e prazerosa.

A utilização do lúdico no trabalho desenvolvido nas oficinas aproxima o sujeito do conhecimento, promove vivências e experiências novas, possibilita a construção, a desconstrução e a reconstrução de conhecimentos, viver e experimentar sensações e sentimentos positivos e negativos (prazer, desprazer, alegria, tristeza, medo, vergonha, cooperação, competição, frustração, superação); permite uma relação diferente com o erro ao colocá-lo como parte fundamental do processo de conhecer e aprender e como natural ao longo desses processos (GRASSI, 2008, p.21).

As alternativas de trabalho com contos de fadas em atendimento psicopedagógico são extensas, cabendo ao profissional ter o pleno conhecimento, domínio e sensibilidade para utilizá-las de acordo com as necessidades apresentadas por seu paciente. As oficinas com a utilização deste gênero devem ser previamente planejadas e dotadas de intencionalidade, considerando sempre o bem estar do paciente.

O contato com a linguagem utilizada nos contos de fadas pode contribuir sobremaneira para que a criança transcenda em diversos aspectos de sua vida, mais precisamente em poder desenvolver sua imaginação para além daquilo que lhe é mais concreto e imediato, ou seja, desenvolver uma maior capacidade de abstração. De acordo com Vygotski (1993), tratando da linguagem de um modo geral, esta, tem o poder de possibilitar às crianças irem além de seus limites, ou seja, libertar-se das impressões mais imediatas e pensar num objeto ainda que não o esteja vendo. Para Bettelheim (2015, p. 90):

A criança que está familiarizada com os contos de fadas percebe que estes lhe falam na linguagem dos símbolos e não da realidade cotidiana. O conto de fadas nos transmite desde o início, ao longo da trama e no final que aquilo que nos é narrado não são fatos tangíveis ou pessoas e lugares reais. Quanto à própria criança, os

acontecimentos reais se tornam importantes pelo significado simbólico, que ela lhes atribui, ou que neles encontra.

Bettelheim (2015) aponta ainda que, ao ofertar este gênero literário às crianças por meio de livros que não sejam ilustrados, poderá haver um estímulo da capacidade imaginativa da mesma, respeitando a sua subjetividade. Para ele, os livros que trazem as ilustrações referentes a história, inibem na criança o desenvolvimento desta importante capacidade.

Essa, incidentalmente, é a razão de os livros de histórias ilustrados, que tem a grande preferência tanto dos adultos quanto das crianças modernas, não atenderem às principais necessidades da criança. As ilustrações mais distraem do que ajudam. Estudos de cartilhas ilustradas demonstram que as figuras desviam a atenção do processo de aprendizagem em lugar de fomentá-lo, uma vez que as ilustrações afastam a imaginação da criança do modo como esta, por conta própria, vivenciaria a história (BETTELHEIM, 2015, p. 87).

Assim, fica evidente a grande riqueza de significados que o trabalho com a utilização dos contos de fadas pode possibilitar, àqueles que têm contato com tais narrativas, contribuindo sobremaneira para a internalização de significados e a consequente ressignificação e construção interior, com o desenvolvimento dos eixos objetivo e subjetivo, essenciais para uma aprendizagem significativa. Ademais, trata-se de um trabalho que considera o indivíduo em sua totalidade e plenitude não dissociando o corpo da mente, o consciente do inconsciente, o afeto da cognição, a realidade do sonho, o concreto do abstrato. Na verdade, busca-se um trabalho que efetivamente tenha estes como elementos essenciais à constituição do ser humano, transportando o ouvinte a um mundo mágico e encantado, a um reino de fantasias, onde tudo é possível, basta imaginar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicopedagogia é um campo promissor na atualidade, mostrando-se como uma necessidade nos tempos atuais, onde a quantidade imensurável de informações, os avanços dos meios tecnológicos e científicos e as descobertas nos mais diversos ramos científicos proliferam em grande velocidade, tornando o ser humano, paradoxalmente, passível diante de tantas transformações nesta era global, num mundo que demanda cada vez mais por seres críticos, autônomos e reflexivos.

Diante de tantas evoluções e também retrocessos (guerras, ódios, preconceitos e xenofobia), deparamo-nos com um ambiente em que crianças não têm suas capacidades intelectuais desenvolvidas de modo pleno e efetivo, principalmente devido à falta de um trabalho psicopedagógico que as auxilie a ter amplo desenvolvimento em seus aspectos intelectuais, afetivos e psíquicos a partir da intervenção de um qualificado profissional deste campo do conhecimento.

O trabalho realizado com contos de fadas, pode apoiar o desenvolvimento do público infanto-juvenil, principalmente naquilo que se refere a autoestima, a autoafirmação, ao senso de responsabilidade, criticidade, espírito reflexivo, potencializando tanto os aspectos atrelados ao campo afetivo-emocional, quanto ao psicológico, intelectual e cognitivo. Tendo nos personagens uma forma de identificar aspectos que podem ser atrelados a sua realidade diária, a criança pode a partir daí desenvolver meios para superar suas dificuldades e limitações momentâneas, situações que a aflige e nas quais se sinta impotente, transcendendo nos mais diversos campos de sua vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

BRIGGS, D. C. **A auto-estima do seu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FONSECA, Vitor da. **Aprender a aprender: a educabilidade cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GRASSI, Tânia Mara. **Oficinas psicopedagógicas**. 2ª ed. Curitiba: Ibpex, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

PAIN, Sara. **Subjetividade e objetividade**: relações entre desejo e conhecimento. São Paulo: Centro de Estudos Educacionais Vera Cruz, CEVEC, 1996.

ROCHA, Ruth. Imaginação, criatividade, escola. In: RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Editora Summus, 1982.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

WOLFF, Francis. **Nossa Humanidade**: De Aristóteles às neurociências. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo II. Madrid: Visor, 1993.

VIGOTSKI, L. S. **La imaginación y el arte en la infancia**. 4ª ed. Madrid: Akal, 1998.